

Adalberto Canabarro



Adalberto Canabarro, querido amigo.

A maioria não vai reconhecê-lo pelo nome, mas o que escreverei talvez se insinue à memória de tantos aquilo que com bastante humildade tentarei resgatar neste empenho que me deram. Para isso talvez seja mais conveniente iniciar estas recordações renomeando esta figura com o apelido que tantos o chamavam e com muito carinho... Dadá. Não serão memórias escritas de um jeito acadêmico, longe disso', mas entendam como se nós três — eu, você quem lê e o próprio Dadá aqui resgatado — estivéssemos na situação que lhe agradava conversar as suas próprias lembranças: uma descontraída mesa de um boteco.

Sobre sua vida íntima familiar, mistério. Conhecida por poucos e poucas. Gostava mais de nos confessar com certo orgulho sobre as suas aventuras pela cidade do Rio de Janeiro, entremeado em seus becos e bares e — claro! — nas casas das suas namoradas. Histórias das mais mirabolantes que por vezes fingíamos acreditar, pois se não tentava de todas as possíveis formas nos convencer. Falava com bastante consideração de sua irmã com quem passou a morar há alguns anos. Não falava muitos sobre outros, mas tinha a mesma brandura por eles quando tocava no assunto. Sua família toda eu mesmo conheci quando todos nos despedimos dele naquele 4 de março ensolarado. Irmãos e irmãs, sobrinhos, sobrinhas, primos e primas diversos. Todos para mim desconhecidos, porém retinham traços que me lembrariam dele, vivo em seus semblantes sorridentes e nos olhos, azuis claros, por eles compartilhados. A mesma desembaraçada gargalhada que Dadá tinha me confirmava o grau de parentesco entre todos ali. Sua família viria de fora do Rio de Janeiro, interior do estado. Em momentos eram de Minas Gerais, outras horas vieram do Rio de Janeiro, algumas vezes chegou a dizer que desceram do Nordeste. De fato, era um homem sem estadia, sem a necessidade de qualquer pedigree, mas acolhido aonde fosse.

Dadá não era alguém que se interessava em ostentar, não era apegado àquilo que fosse materialmente caro e gostava de compartilhar até as miudezas que possuía. Flamenguista, mas não desses de carteirinha. Voltava às épocas de Nunes, Adílio e Zico, se perguntassem sobre os atuais não estenderia a conversa. Tinha grande apreço por um bandolim, um cavaquinho e um violão os quais tocava na intimidade do seu "barraco". Gostava muito de Pixinguinha e Jacó do Bandolim. Disse outrora, que já tocou em festas que os alunos faziam e o convidavam. O pagamento? Um casco de cerveja e a liberdade de participar da farra. Contava-nos com certo saudosismo dessa época. Sabíamos que era um funcionário da Souza Marques, mas era tão próximo de nós alunos que em alguns momentos a intimidade era tanta e não conseguíamos mais distingui-lo de um de nós. Para nós isso já nem nos importava. Desprendido das convenções sociais, não tinha "nove horas" ou papas na língua. Alguns isso irritava, mas outros sabiam que não era por mal. Para nossa surpresa fazia-nos rir seu jeito, os "comportados" meninos e meninas da cidade. Vem-me à lembrança de que por vezes tínhamos que procurá-lo para pedir um favor e nos surpreendíamos ao avistá-lo com frequência catando mangas cartolina. Com uma haste de madeira ou com pedrinhas pescava

da copa alta das árvores do canteiro da faculdade. Para ele isto era suficiente. Uma manga na sombra, ir à lanchonete do Kinha para tirar sarro com o próprio ou implicar com a Vânia, filar um prato e tomar sua Coca-Cola, um fumo aqui e ali. Bastava essa equação para ser feliz. Outra coisa que fazia com bastante alegria era trabalhar e participar da vida dos alunos dentro das instituições por onde passou.

Dadá tinha anos e anos de ofício como técnico dos anatômicos de algumas instituições. Já teve passagem pelo Instituto Médico Legal Afrânio Peixoto como técnico de necropsia inclusive. No seu currículo foram décadas, dizia quase 30 anos, na Fundação Técnico Educacional Souza Marques. Trabalhou também na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como técnico do anatômico para medicina, enfermagem, nutrição, fisioterapia. Conviveu com grandes nomes da anatomia, cirurgia e clínica da cidade do Rio de Janeiro. Falava destes brasões quando os conheceu já como catedráticos ou quando eram ainda alunos. Sempre me perguntava se eu estava seguindo tal professor, ou tal professora, pois sabia que eles eram referência e nos ajudariam em nossa caminhada. Ele se importava com nossa formação para além das gavetas e ossários sua capitania. Sabia de cor os ossos e peças, nos recomendava umas melhores quando nos comportávamos.

Só que o Dadá era mais que técnico de anatômico. Ele era realmente nosso amigo e, acredito que pelo que já escrevi, deu para perceber isso. Para alguns alunos ele foi a primeira figura que ele encontrou quando logo após a matrícula, saudando-os com seu jeito risonho e a batida nas costas forte que nos dava e ainda depois de seis anos mantinha a mesma forma de nos abordar. Para alguns ele já criara apelidos, que fui orientado a não escrever aqui. Casos de apelidos carinhosos principalmente com as meninas, os meninos ele já era mais bruto. Colecionava histórias conosco. Desde os alunos que na primeira aproximação com o anatômico desmaiavam a inclusive pais de alunos que também foram em uma época alunos e alunas e que passaram por ele durante sua formação. Ele reconhecia aqueles alunos dos primeiros anos quando começou a trabalhar como técnico, e os médicos, enfermeiros, fisioterapeutas já formados também reconheciam aquela figura. Todas as apresentações do Coral Souza Marques ele ia prestigiar. Falam que tentava filmar em seu celular as apresentações, mas ficava tão emocionado que acabava por filmar o chão.

Dadá nos acompanhou não somente nos caminhos da faculdade, também na formatura. Sempre era uma figura presente, quase sempre homenageado. Não lembro de turma em que ele não participara da mesa junto dos outros celebrados. De fato, era cativante! Para uns ele foi a primeira pessoa a dar boas vindas e justamente quem também entregou o tão esperado canudo. Se aparecíamos cabisbaixos ele puxava assunto, nos aconselhava. De certo alguns não eram os melhores conselhos, mas ele era tão chegado a nós que já intermediou questões entre discentes e docentes.

Dadá foi indissociável da Souza Marques, da nossa história lá por aqueles corredores. Por isso, mesmo tendo apartado deste nosso convívio ele ainda está conosco, seja nas lembranças, no carinho ou por meio de seu ofício. Digníssimo Dadá, ninguém se vai enquanto lembram do teu nome, de ti como passara em nossa vida e reservam-no um espaço no coração. Por isso é imortal, seja nas nossas mãos como médicos ou em nossas lembranças como amigos. Saudades de todos os alunos da Fundação Técnico Educacional Souza Marques.